



Do lugar às lições, dos saberes à formação: narrativas de experiência de moradores do Rosado/RN*

Ana Lúcia Oliveira Aguiar

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN, Mossoró-RN, Brasil
anaaguiar@uern.br
<https://orcid.org/0000-0003-3626-2427>

Stenio de Brito Fernandes

Secretaria da Educação e da Cultura do Estado do RN-SEEC, Mossoró-RN, Brasil
steniondre@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6300-9561>

RESUMO

As lições da experiência de moradores da Comunidade do Rosado - distrito da cidade de Porto do Mangue no estado do Rio Grande do Norte-RN/Brasil se revelam, na medida em que se constroem e reconstroem suas formas de viver. Este artigo objetiva compreender, como as lições da experiência de moradores da Comunidade do Rosado/RN contribuem para a formação e transformação do cotidiano dos sujeitos do lugar. É uma pesquisa de abordagem qualitativa, utilizamos como método de investigação a pesquisa (auto) biográfica, a partir das narrativas de dois moradores da Comunidade do Rosado/RN.

Apontamos que as lições da experiência são preservadas entre seus moradores, a saber: pescar, rezar, plantar e ensinar entre outros, são praticados e compartilhados pelos sujeitos da comunidade. As narrativas tecidas se constituem no sentimento de identidade de um povo, na reconstrução das lições da experiência com o campo e com o mar, pois tudo isso passado de geração para geração, contribui para o reconhecimento desse povo, e torná-los visíveis no lugar em que vivem na construção do cotidiano em coletividade.

Palavras - chave: lições da experiência; narrativas (auto) biográficas; formação.

* Como citar: Oliveira Aguiar, A. y de Brito Fernandes, S. (2021). Do lugar às lições, dos saberes à formação: narrativas de experiência de moradores do Rosado/RN. *Ciencias Sociales y Educación*, 10(20), 23-43. <https://doi.org/10.22395/csye.v10n20a2>

Recibido: 11 de diciembre de 2020.

Aprobado: 1 de junio de 2021.

Del lugar a las lecciones, del conocimiento a la formación: narrativas de la experiencia de los habitantes de Rosado / RN

RESUMEN

Se revelan las lecciones de la experiencia de los habitantes de la Comunidad Rosado - distrito de la ciudad de Porto do Mangue en el estado de Rio Grande do Norte-RN / Brasil, mientras construyen y reconstruyen sus formas de vida. Este artículo tiene como objetivo comprender cómo las lecciones de la experiencia de los habitantes de la Comunidad Rosado / RN contribuyen a la formación y transformación de la vida cotidiana de los sujetos. Es una investigación cualitativa, utilizamos la investigación (auto) biográfica como método de investigación, con base en las narrativas de los habitantes de la Comunidad Rosado / RN. Señalamos que las lecciones de la

experiencia se conservan entre sus habitantes, a saber: pesca, oración, siembra y enseñanza, entre otras, son practicadas y compartidas por los sujetos de la comunidad. Las narrativas tejidas se constituyen en el sentimiento de identidad de un pueblo, en la reconstrucción de las lecciones de la experiencia con el campo y el mar, porque todo esto pasado de generación en generación, contribuye al reconocimiento de este pueblo, y a hacerlos visibles en el lugar en que viven hacia la construcción de la vida cotidiana como comunidad.

Palabras clave: lecciones de la experiencia; narrativas (auto) biográficas; formación.

From Place to Lessons, from Knowledge to Training: Narratives of Experience of Residents of Rosado / RN

ABSTRACT

The lessons from the experience of residents of the Rosado Community - district of the city of Porto do Mangue in the state of Rio Grande do Norte-RN, Brazil, are revealed as they build and reconstruct their ways of living. This article aims to understand how the lessons from the experience of residents of the Rosado Community / RN contribute to the formation and transformation of the subjects' daily lives. As a qualitative research, the study used (auto)biographical research as a method of investigation, based on the narratives of two residents of the Rosado Community / RN. We point out that the lessons of the experience are preserved

among its residents, namely: fishing, praying, planting and teaching, among others, and are practiced and shared by the subjects of the community. The woven narratives are constituted in the feeling of identity of a people, in the reconstruction of the lessons of the experience with the countryside and the sea, because all this passed from generation to generation, thus contributing to the recognition of this people and to make them visible in which they live in the construction of daily life as a community.

Keywords: lessons from experience; auto-biographical narratives; formation.

Introdução

Através das narrativas (auto)biográficas de moradores da Comunidade do Rosado - distrito da cidade de Porto do Mangue no estado do Rio Grande do Norte – RN/Brasil, a construção de lições da experiência, se revelam, na medida em que se constroem e reconstroem suas formas de viver. Nas relações estabelecidas como singular e plural, estão enraizadas nos diversos espaços da vida social, no individual e no coletivo. Definimos essa comunidade como *lócus* de pesquisa, devido à nossa convivência pessoal e profissional, já alguns anos com os seus moradores. É um lugar fértil de saberes da experiência formadora para o campo da pesquisa (auto)biográfica. Este artigo objetiva compreender, como as lições da experiência de moradores da Comunidade do Rosado/RN contribuem para a formação e transformação do cotidiano dos sujeitos do lugar. Apontamos como pergunta problema: como as lições da experiência de moradores da Comunidade do Rosado/RN contribuem para a formação e transformação do cotidiano dos sujeitos do lugar?

O percurso no *lócus* da pesquisa, de cunho qualitativo: ancora nas histórias de vida e nas lições da experiência para a formação de moradores do campo e do mar da Comunidade do Rosado/RN. De acordo com Minayo (2007), o método qualitativo se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos possuem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, e de como sentem e pensam. Na abordagem da pesquisa qualitativa é possível perceber o comportamento de sujeitos reais em comunidades reais, vivendo em termos de culturas reais procurando o seu estímulo a sua validade em sociedade (Fernandes, Aguiar e Fernandes, 2019, pp. 3-4). Nesses espaços de singular e plural, de diferentes saberes, entra em cena a pesquisa qualitativa amparada pelos ensinamentos de Minayo (2007), quando afirma ser entendida como práticas sociais de atividades humanas carregadas de significados dando, sentido à vida dos que dela participam.

Usamos como método de investigação a pesquisa (auto)biográfica, compreendida segundo Josso (2010) como uma metodologia que explora a subjetividade e a memória como elementos constitutivos para o (re)conhecimento da realidade das experiências de vida dos sujeitos em construção. Essa abordagem da (auto)biografia para Souza (2006), é entendida como pesquisa narrativa, ou história de vida em formação. Com os estudos centralizados nas práticas de formação, o sujeito em construção passa a ser protagonista da sua própria história de vida, no seu cotidiano na relação de si e com o outro. Trabalhar com narrativas de histórias de vida, significa abrir um leque de oportunidades para que os sujeitos comuns utilizem do poder da palavra para narrarem a si mesmos, a sua geração, o seu passado através da memória individual e coletiva.

A Comunidade do Rosado/RN, que é um lugar de diferentes saberes, preservam costumes, valores, crenças e tradições herdadas dos seus antepassados. O Rosado não se constitui só de pescadores. Para Nonato Júnior (2006), nem todos os habitantes de comunidades litorâneas são pescadores, pois muitos exercem outras atividades econômicas e desenvolvem diversas funções sociais. Na comunidade, encontramos diferentes atores sociais: pescadores, marisqueiras, artesãos, poetas, cordelistas, agricultores, líderes comunitários, sindicalistas e professores entre outros, que residem neste espaço de vivências e se afirmam como o seu lugar de pertença. A partir de 1991, tem-se um histórico de lutas e resistências pelo direito à terra. Este período é marcado por conflitos entre moradores e empresas locais, que culminou na morte de um morador. Hoje, a comunidade é amparada por um documento, que lhe dá o direito de concessão das terras por mais de vinte anos.

Trazemos entre os seis participantes da pesquisa dissertativa, dois moradores para esse trabalho, entre 50 a 60 anos de idade ambos com uma vasta vivência na comunidade. Esses participantes são identificados, um deles, como Neneu¹ é como gosta de ser chamado na comunidade, tem 60 anos de idade, é aposentado. A outra participante é conhecida como Dona Morena, cujo nome foi reconhecido quando ainda era menina sendo uma forma carinhosa de ser chamada. Hoje, está com 54 anos e é artesã. As narrativas dos moradores foram ouvidas e gravadas. Para os sujeitos deste estudo perguntamos se aceitavam participar da pesquisa e se concordavam em assinar o termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o termo de autorização de uso de imagem, das narrativas e da publicação. Consideramos o respeito pela dignidade humana e pela especial proteção devida aos participantes das pesquisas científicas envolvendo seres humanos e consideramos o desenvolvimento e o engajamento ético. Explicamos sobre o teor ético da pesquisa; sobre os aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos e ressaltamos o que deve atender aos fundamentos éticos como constam na Resolução N° 510/2016. (Fernandes, Aguiar e Fernandes, 2019, p. 4). Desde o primeiro encontro, nas rodas de conversa, da visita na residência de Dona Morena, no bate-papo nas Dunas do Rosado e no EcoPosto. O EcoPosto foi criado em 2009 pelo Instituto de Desenvolvimento Sustentável e Meio Ambiente do Rio Grande do Norte - Idema/RN na Comunidade do Rosado/RN, constituído por um centro de visitação e alojamentos para agentes de fiscalização, os guardas florestais. Tem a intenção de proteger e preservar as Dunas do Rosado, como também de barrar pessoas que apresentem atitudes suspeitas nas áreas próximas à comunidade. Nesses encontros, realizamos a construção, gravação e escrita das narrativas orais dos sujeitos da pesquisa, a partir de três sessões de narrativas com os participantes. Nesse momento, conversamos sobre a vida na comunidade; dos

¹ Os nomes dos entrevistados citados neste trabalho, são nomes fictícios, escolhidos pelos próprios moradores da comunidade, pois, cada nome tem um significado e pertença pela convivência do lugar onde moram.

saberes da experiência dos mais velhos; da pesca e da agricultura entre outras conversas, que foram escritas nesse texto.

Adentraremos na Comunidade do Rosado/RN, lugar de pessoas que vivem do campo e do mar, sujeitos que apresentam sua subjetividade no processo das vivências com o outro, advindos das lições da experiência do senso comum e das memórias individuais e coletivas. Na primeira seção, viajaremos na história da formação da Comunidade do Rosado/RN: somos mais fortes em comunidade. Em seguida, navegaremos nas narrativas de histórias de vida e saberes da experiência de moradores da Comunidade do Rosado/RN: saberes que ensinam a ser do campo e do mar.

História da formação da Comunidade do Rosado/RN: somos mais fortes em coletividade

A Comunidade do Rosado/RN é um lugar de pessoas que vivem do campo e do mar, de pessoas simples, que preservam seu espaço de moradia. O Rosado é conhecida pela combinação de cores entre os sedimentos esbranquiçados das dunas com os terrenos avermelhados e alaranjados dos latossolos² e do barreiras³. Tem-se a coloração *rosada*, daí o nome *Rosado*. Segundo Barros (2009), está localizada na faixa litorânea da região nordeste do Brasil, especificamente na costa setentrional do estado do Rio Grande do Norte e incluso dentro dos limites territoriais do município de Porto do Mangue/RN. No território de pertença constitui um espaço fundador, fornece uma definição do local, na medida em que a pertença estabelece relação direta com o reconhecimento recíproco, necessitando de uma proximidade imediata.

Para alguns moradores, a Comunidade do Rosado/RN é considerada bicentenária. Não há estudo que comprove a hipótese levantada pelos moradores da comunidade ser bicentenária. Como não houve estudos arqueológicos no lugar, fica indefinida uma data que comprove essa cronologia. De acordo com a cronologia citada pelos moradores da Comunidade do Rosado/RN, ainda não está esclarecido qual a data da existência dos primeiros habitantes do lugar. Merece ser reprisado no intuito de rememorar a existência desses moradores nesta terra há quase dois séculos ou mais. A história da origem da comunidade é uma incógnita uma vez que não existe uma data precisa da existência dos primeiros habitantes do lugar, como também, ainda não se saber de nenhum registro da localidade em períodos remotos, que comprove sua formação. Os

² Solos constituídos predominantemente por material mineral, "em geral profundos, velhos, bem drenados, baixo teor [de fragmentos de rocha], baixo teor de materiais facilmente intemperizáveis, homogêneo, estrutura granular, sempre ácidos, nunca hidromórficos" (De Sousa, 2012, p. 83).

³ Cobertura de origem Sedimentar Continental; Tabuleiros com altitude média de 40m acima do nível do mar. Sedimentos de Granulometria Variada formados por areia, silte e argila com concreções ferruginosas.

vínculos familiares na comunidade se constituíram praticamente por duas famílias, Andrade e Lima, e as primeiras moradias eram de taipa⁴.

Na Comunidade do Rosado/RN, existem diferentes formas de sobrevivência, como a agricultura que está voltada para o consumo próprio e a pesca, forte atividade econômica, tanto para o consumo de seus moradores, como fonte de renda. Tais atividades fazem parte de suas tradições, que são transmitidas de geração a geração. No local, a diversão cultural e esportiva é propiciada por coisas simples, tais como: futebol de praia, festas da padroeira e apresentações do grupo de mulheres do Pastoril. O Pastoril é uma dança típica da cultura do nordeste brasileiro. Segundo Cascudo (2002), no seu Dicionário do Folclore Brasileiro, assim define o Pastoril como: cantos, louvações, loas, entoadas diante do presépio na noite do Natal, aguardando-se a missa da meia-noite. Representavam a visita dos pastores ao estábulo de Belém, ofertas, louvores, pedidos de bênção. A tradição cultural da comunidade é marcada pela proximidade dos valores, da afetividade, dos modos de vida e de memória. Entender a diversidade nos locais plurais, preservar a história desses lugares, pressupõe a escrita, porque, muitas vezes, essa história está apenas na oralidade, passível de ser esquecida e de não ser transmitida pelos membros mais experientes da comunidade aos mais novos.

A Comunidade do Rosado/RN é fonte específica de identidade, construída na ação coletiva e preservada pela memória social. Essa comunidade é um espaço encantador de pessoas simples e resulta do conjunto de recortes que especificam sua posição pelas ações de sujeitos históricos sociais e a pertença de seu grupo a um lugar. Neste artigo, sujeitos comuns são os homens simples, segundo Martins (2000), nos libertam dos simplismos. Conforme o autor, esse homem passa por momentos cuja existência é atravessada por mecanismo de dominação e de alienação, os quais distorcem sua compreensão da História e do próprio destino. Esse homem simples, constrói o seu lugar na comunidade, o que envolve ter tempo para si e para o outro, buscar a liberdade, ter criatividade, prazer de trabalhar, bem como compreender o seu papel ativo no lugar que habita, dentro da sua realidade. Em síntese, para construir seu lugar o homem simples precisa ter um olhar para o contexto local, não de forma limitada, nem tampouco preso ao contexto geográfico. Dizer eu sou da comunidade vai mais além da posição geográfica e da oratória dos mais velhos; é ser e sentir a comunidade, é viver a cultura do lugar, é viver suas dimensões e seus procedimentos.

A visita na Comunidade do Rosado/RN permitiu uma viagem no tempo, através da memória guardada, e que, agora, será repassada através das narrativas de moradores da comunidade, obtidas por meio de narrativas. Os moradores entrevistados contam o que sabe sobre a origem da comunidade e expressam

⁴ Construção feita de varas, galhos, cipós entrelaçados e cobertos com barro.

um sentimento de pertencimento ao lugar. O morador Neneu, na carreira de experiência profissional, exerceu diversas funções, a saber: agricultor, pescador, atuou como presidente da Associação da comunidade por muitos anos, e hoje, mesmo aposentado atua como presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município. Neneu narra sua origem na comunidade, e diz:

Nós chegamos aqui, na área que eu digo, é [...] Rosado não era aqui onde estamos morando hoje, mas era na outra localidade. Com 03 anos de idade. A minha avó já vinha morando muito anos [...] com os avós dela. Meu pai, filho dela, também fazia parte da comunidade. Meus tios e os primos de meu pai, que já moravam tempo aqui. Como tinha uma tia dele, que morava com minha avó. Essa é a minha origem [...]. Dessa época pra cá, a gente chegou aqui, não se mudou para canto nenhum. Estamos até hoje aqui, construindo famílias. Eu, hoje, estou com 60 anos, [...] mas nunca tive nenhuma divergência com a comunidade [...]. A partir das dificuldades das moradias, segundo os empresários que diziam serem donos das terras, fundiários, aí a gente começou até alguns conflitos aqui, dentro da comunidade [...]. Os latifundiários diziam que eram donos das terras. Queriam expulsar o pessoal daqui sem nenhum direito. A gente quis resistir. Perdemos um companheiro, mas resistimos e, ainda hoje, estamos vivendo [...] com aquela certeza de não querer sair dessa comunidade, e, sim, organizar e se unir, para que a gente sobreviva para a melhor condição de vida. (Narrativas de Neneu⁵, morador da Comunidade do Rosado - Porto do Mangue/RN, 2017)

Na Comunidade do Rosado seus moradores estabelecem uma relação de parentescos pautada nos laços familiares, ou seja, sempre pessoas próximas uns das outras, avós, tios, primos e irmãos. Nessa relação de convivência na comunidade os moradores se firmam e se perpetuam por muito tempo até a velhice. A moradia na comunidade hoje é tranquila, os moradores vivem uma relação de afeto e harmonia. O morador Neneu externa o desejo de fazer parte da comunidade, de lutar por melhores condições de vida e não desistir nunca do direito de viver e permanecer nas terras que ele e os demais conquistaram com o sangue de um companheiro e irmão da comunidade, o morador Sebastião Andrade de Lima, que morreu jovem, aos 27 anos, deixando esposa e filhos. Para reforçar a origem da formação da Comunidade do Rosado/RN, seguem as narrativas de Dona Morena, que construiu uma trajetória de vida e experiência na comunidade, participa como membro da Associação das Mulheres Artesãs. Atua nos Movimentos Feministas Rurais. A moradora relata que existiam na Praia do Rosado, poucas casas, bem distantes umas das outras. Á época, todas as moradias eram de taipa. Segundo a entrevistada, a comunidade sobrevivia da agricultura, pescaria e criação. Dona Morena complementa:

Toda vida, se criou, aqui, ovelha, cabra, gado, galinha. Tudo isso inclui ao agricultor. Então, se vivia aqui desta forma [...]. Aqui é como eu já falei. Eu nasci aqui,

⁵ Todas as transcrições das entrevistas estão nos mesmos termos, tal como está escrito (*ipsis litteris*), respeitando a identidade e a linguagem local dos moradores da comunidade.

me criei aqui, me casei aqui. Porque, na verdade, eu gosto da minha comunidade, eu amo a minha comunidade de paixão. Eu gosto daqui, né? A vivência pra gente, aqui, é muito bom. Na minha infância, é [...] brincávamos muito, nós ainda consegue fazer isso, aqui, hoje, andar em cima dessas falésias, nos morros, nessas grotas, como a gente chama aqui, correndo atrás das cabras, botar no chiqueiro. De manhã, tirava leite. Morávamos lá em cima da serra. Vinha, descia para vim pegar água nos burros ou na cabeça, para levar lá pra cima. Eu sei que eu gosto muito daqui, né? (Narrativas de Dona Morena, moradora da Comunidade do Rosado - Porto do Mangue/RN, 2017)

A economia da comunidade está sustentada nas atividades pesqueiras. A moradora Dona Morena acrescenta outras atividades praticadas na comunidade, por meio da agropecuária, ou seja, agricultura e criação de animais. Planta-se feijão, milho, batata doce, abóbora, macaxeira, geralmente nas áreas das vazantes próximos aos rios, e criam-se cabras, ovelhas, gados, porcos e galinhas, em campo aberto e fechado. A agricultura é produzida na roça entre as famílias, através do trabalho coletivo, voltado para agricultura familiar e de subsistência. Utilizam-se aparelhos rudimentares, tais como: enxadas, facões e arados. A forma usada para plantar é muito tradicional e se caracteriza por trabalhos manuais pelos moradores.

As lembranças citadas nas narrativas de Dona Morena, referentes à Comunidade do Rosado/RN, expressam o orgulho de serem povos do campo e do mar. Mesmo com as dificuldades Dona Morena descreve o amor, a paixão de viver na comunidade. Segundo Bondiá (2002) a palavra paixão pode referir-se a várias coisas. Ela é um elemento da experiência. Sem paixão não se vivencia o sujeito da experiência, os saberes das experiências, porque o saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana, e é um saber que não pode se separar do indivíduo concreto em quem encarna. Sem paixão não é possível capturar a experiência, nem fazer referência ao outro. Não se pode pensar a si mesmo, no outro, sem essa paixão pelo outro (Bondiá, 2002). Esses mesmos sentimentos, por certo, provocam em Dona Morena o desejo de continuar na comunidade por muitos e muitos anos. Somada a isso, está a alegria de ter os seus pais ao seu lado, e diz:

Meu pai, hoje em dia, está com 88 anos. Minha mãe fez, agora, dia 18 de julho, 76 anos. Isso é uma experiência de vida muito boa que a gente tem. Aqui ainda é bastante tranquilo, esperamos que continue assim, né? Agora, aqui já tem muita gente. De primeiro, era poucas famílias, era duas ou três famílias que tinha aqui. Casava tudo primo com primo. Era uma casa aqui e outra não sei com quantos metros de distância, muito longe mesmo. Se faltasse uma colher de açúcar, por exemplo, fosse pegar no vizinho, quando chegasse tinha que ferver o café de novo, o café já tinha esfriado de tão longe que era. Aí, hoje em dia, está tudo mais fácil, por uma parte, né? E outra não, porque quando a gente ver chegando muita coisa boa, o ruim vem também. (Narrativas de Dona Morena, moradora da Comunidade do Rosado - Porto do Mangue/RN, 2017)

Em suas recordações, Dona Morena reconstrói o seu passado a partir de um olhar do presente. Para Bosi (1994) o ato de lembrar é fundamental na (re)significação da própria vida e, também, no reconhecimento de si. Dona Morena reconhece o carinho e o apoio que sempre construiu ao lado dos pais. Na convivência com os seus pais adquiriu experiências de vida e formação passadas por eles. Através dos ensinamentos dos seus pais, ela (re)significa o seu ser na interação com o outro. Relembra como era o início da formação na comunidade há quinze anos. Existiam poucas famílias, estabelecia-se um grau de parentesco, os laços matrimoniais eram entre eles mesmo, primos com primos.

Em 1991, aconteceu um grande conflito na comunidade citado nas narrativas de Neneu, que culminou com a morte de um morador, o senhor Sebastião Andrade de Lima, citado anteriormente, lutou pelas terras de 72 famílias.

Os moradores da Comunidade do Rosado/RN construíram um espaço de moradia bem antes das chegadas de empresários, que se denominando donos das terras do Rosado. Nas terras da Praia do Rosado as famílias tiram do campo e do mar seus alimentos diários, através da agricultura e pesca. Com a invasão da empresa F. Souto, os moradores não tiveram mais uma vida sossegada como era antes. Foram privados de transitar pelas suas próprias terras.

Dona Morena também relata como era a vida na comunidade e como se deu o conflito que resultou na morte de um conterrâneo:

[...] Desde 1990, a partir de 1990, que a gente vivia aqui tranquilo, tudo na santa paz. Aí, a partir de 1990, apareceu um pessoal aqui, dizendo que eram donos destas terras, daí, a partir pra cá, foi que teve um grande conflito aqui. A gente perdeu o nosso irmão, que por sinal é o meu primo Sebastião Andrade, perdemos ele nessa luta [...]. (Narrativas de Dona Morena, moradora da Comunidade do Rosado, em Porto do Mangue/RN, 20/07/2017)

A década de 1990 para a comunidade é marcada por conflitos causados pela chegada de latifundiários, que se diziam donos das propriedades das áreas de terra da Praia do Rosado. Conforme as narrativas e o empoderamento de pertencimento de Neneu e Dona Morena, na comunidade, até 1989, as pessoas tinham uma vida tranquila, viviam em paz. Tiravam da terra e do mar o alimento de cada dia. Viviam como vivem hoje, da agricultura e da pesca para alimentar suas famílias. Construíam suas moradias, poços, cercas, cacimbões e cuidavam das plantações. Tiveram uma vida difícil. Enfrentaram situações como todos que dependem e vivem do trabalho do campo. Mesmo com todos os impedimentos, viviam felizes, tinham alegrias, participavam das festas religiosas e estavam bem nas suas terras.

Esse conflito, que aconteceu na comunidade, fortaleceu a união dos moradores e apoderou seus moradores a formar uma Associação Comunitária, em prol de lutar pela legalização das terras do Rosado. Os moradores não desistem de lutar pelo direito de permanecer nas terras conquistadas ao longo da vida, pelos seus moradores mais antigos. Diante do conflito citado pelos moradores, partiu o desejo da comunidade criar uma associação que legitimassem a luta pelas terras das famílias. No dia 13 de dezembro de 1992, um ano depois da morte do morador, essa associação foi criada no intuito de ajudar os moradores da Comunidade do Rosado. A associação é de caráter social, e está a serviço de resolver os problemas da comunidade. Para o morador Neneu, a comunidade precisava criar uma associação reconhecida e registrada em cartório para ter a legitimidade de lutar em prol dos direitos de permanecer morando na comunidade.

Segundo Neneu, a criação da associação na comunidade contribuiu para um trabalho relevante junto à comunidade, por meio do seu objetivo de fazer valer os direitos dos moradores de permanecer nas terras. Nas narrativas de Neneu, é percebido o empoderamento, principalmente quando ele demonstra ter a consciência da relevância da criação da associação (Fernandes, Aguiar e Fernandes, 2019, p. 10). Freire (1986) nos ensina que o empoderamento é a capacidade do indivíduo de realizar, por si mesmo, as mudanças necessárias para evoluir e se fortalecer contra qualquer forma de discriminação ou rejeição.

A associação dos moradores do Rosado recebeu o nome de Sebastião Andrade de Lima em homenagem ao morador assassinado.

A moradora Dona Morena: nos relata a importância da criação da associação comunitária que recebeu o nome de Sebastião Andrade, e essa associação é em prol de buscar apoio de outras instituições para a Comunidade do Rosado. A moradora reforça ainda que podemos conquistar o direito de permanecer nas terras que são deles. Nas narrativas de Dona Morena, percebemos o seu empoderamento na realização da criação da Associação para a comunidade, mostrando um desejo de mudanças e de pertencimento, que fortaleceu a luta pelos direitos de melhores condições de vida e o reconhecimento do seu engajamento social na comunidade (Fernandes, Aguiar e Fernandes, 2019, p. 9). Para Freire (1987), a transformação e desenvolvimento acontecem no tempo que é seu, nunca fora dele, os oprimidos só começam a se desenvolver quando, superam a contradição em que se acham seus moradores, se fazem seres para si, momento em que a sociedade livre poderá desenvolver-se. A Comunidade vem lutando pelo direito de permanecer nas terras conquistadas, através da resistência, continua. Para a moradora Dona Morena, a criação da associação local firmou a luta pela legalização e apropriação das terras, com o apoio de entidades sindicais,

grupos religiosos das dioceses, entre outros órgãos do Estado do RN e de diferentes regiões do Brasil.

No dia 07 de dezembro de 1993, Associação Sebastião Andrade de Lima e Governo do Estado do RN assinaram, no Instituto de Terras do Rio Grande do Norte, com sede em Natal, um Contrato de Permissão de Uso das terras de Porto do Mangue-RN pelo período de 20 anos. De acordo com o objetivo da cláusula primeira, ficou acordado que os moradores assentados são senhores e legítimos possuidores de 414 hectares dessa terra, compra feita a Sociedade Fazenda Nova Ltda pelo seu Diretor. Conforme a consolidação do acordo para a comunidade usufruir das terras do Projeto de Assentado Rosado por mais 20 anos.

No acordo firmado, está também a utilização da terra, de forma integrada e complementar, no desenvolvimento de atividades destinadas ao cultivo de lavouras, criação de animais, pesca artesanal e outras atividades agropecuárias desenvolvidas pelos assentados selecionados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) para o Projeto Assentamento Rosado. Mediante o contrato, o aproveitamento das terras deveria ser racional e adequado, de uso não predatório dos recursos naturais disponíveis e proteção ao meio ambiente, propugnando pelo bem-estar dos seus familiares e dos que vivem a trabalhar nas áreas assentadas. O morador Neneu chama a atenção para os pontos que foram exigidos no termo e esclarece nos seus relatos a preocupação em manter, depois do contrato, a comunidade em união e harmonia, sem serem influenciados pelo que vem de fora: a violência, as drogas e a prostituição, problemas gerados pelas consequências dos grandes centros urbanos. A medida aplicada na comunidade é o cuidado de não cometerem atitudes, que venham a comprometer o acordo do uso das terras. Segundo Barros, em virtude do “rápido processo de expansão imobiliária identificado, bem como a expansão de outros problemas, como assaltos e drogas, além da degradação ambiental anunciada, o governo decretou a Área de Preservação Ambiental do Rosado” (2009, p. 75). Para manter a preservação da Área de Preservação Ambiental - APA, o governo do RN decretou a Área de Preservação do Rosado um patrimônio do Estado. Segundo Barros (2009), a ideia é inibir ou buscar controlar a intensificação das edificações, que causam a poluição do lençol freático com suas fossas subterrâneas, entre outras questões. Diante dos problemas de ordem social e ambiental na localidade.

As conquistas, ao longo do tempo, são frutos dessas organizações sociais, por meio de associações, sindicatos e movimentos sociais, em reivindicação ao direito de cidadania. Esta é concebida por Freire (1997) como uma ação social e emancipatória do sujeito na construção individual e coletiva. Significa que, na comunhão, os cidadãos têm o poder de opinião e decisão para a superação

da dependência social e dominação política. Segundo o autor, isso acontece por meio de um processo de transformações nas relações sociais, políticas, culturais, econômicas e de poder em sociedade.

Os moradores Neneu e Dona Morena, em suas narrativas, expressaram o desejo da comunidade de um dia serem donos das terras. Enquanto isso aguardam a decisão do Estado e dos órgãos competentes para receberem o título de donos das terras, através da escritura pública. Para Neneu ainda há esperança, ele mesmo diz: “estamos tranquilos, vivendo, trabalhando, nas nossas atividades, fazendo nosso trabalho direitinho, e aguardando a vez do governo para cumprir a sua parte, que é entregar a documentação para todos os moradores da comunidade”. Os moradores do Rosado não querem mais conflitos, querem liberdade e paz.

No Rosado, os seus moradores têm uma história de lutas pelo direito à dignidade, à moradia e à educação. A comunidade é constituída por sujeitos históricos e sociais, que do local tiram forças, devido ao sentimento de pertença e à participação na construção e desenvolvimento dos espaços onde habitam. Na Associação da comunidade, esses sujeitos fazem reuniões para refletirem sobre os problemas e condições sociais a que estão submetidos.

Narrativas de histórias de vida e saberes da experiência de moradores da Comunidade do Rosado/RN: saberes que ensinam a ser do campo e do mar

Nesse processo de trabalhar e incorporar biograficamente os acontecimentos e as experiências de aprendizagem e formação ao longo da vida, o leme é o método (auto)biográfico. Através do método (auto)biográfico os sujeitos do lugar narram suas histórias de vida e apresentam os saberes da experiência que contribuem para a formação do cotidiano na comunidade, esses saberes, tais como: pescar, plantar, rezar e ensinar entre outros, são construídos pelos seus moradores ao longo da convivência em coletividade. De acordo com Josso, “A história de vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão e de representações de si, assim como sobre as dinâmicas que orientam sua formação” (2007, p. 419). Neste momento, tem início uma viagem pelas lembranças dos mais experientes, lembranças guardadas no tempo e repassadas na convivência entre homens e mulheres da Comunidade do Rosado/RN. Para Bosi (1994), a memória individual desses sujeitos, depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, com tudo que se refere ao seu convívio em comunidade. Como afirma Hallbwachs (1990), cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Esta, na Comunidade do Rosado/RN,

se apresenta como laço de reconstrução das experiências dos mais experientes, que podem ser rememoradas e testemunhadas, através das narrativas de histórias de vida e saberes da experiência, como algo importante a ser repassado para as novas gerações.

Para Bosi, “[...] lembrar não é reviver, mas trazer, reconstruir, repensar com imagens e ideias de hoje as experiências do passado” (1994, p. 55). Essas lembranças, segundo a autora, constituem uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à disposição, no conjunto de representações que povoam a consciência atual de quem as acessa. No velejar das lembranças vivenciadas pelos mais experientes do lugar, é possível fazer um passeio pelo passado, no presente, que propõe a sua diferença em termo de ponto de vista. Conforme afirma Bosi (1994) as lembranças dos mais experientes do lugar deixaram e deixarão rastros para as gerações futuras, de modo que poderão compreender as experiências vividas nas suas especificidades.

Narrativas de histórias de vida e saberes da experiência dos mais experientes do Rosado ganham destaque aqui como saberes, que ensinam a ser povos do campo e do mar. O significado de experiência, um dos conceitos fundantes desta pesquisa, que vem do latim *experiri*, que significa provar, experimentar. A experiência é a ação de nos colocarmos para o outro e com o outro. É, em primeiro lugar, para Bondiá (2002) um encontro ou uma relação com algo que se experimenta que se prova. Segundo o autor, a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca como sujeitos. Mas, dentro da experiência, existe um sujeito da experiência, o lugar da experiência, e o acontecimento da experiência. Esses pontos serão observados no decorrer desta viagem através das narrativas dos sujeitos da Comunidade do Rosado/RN.

O morador Neneu, expressa por meio de suas narrativas as histórias de vida e saberes da experiência na comunidade. O morador tem uma longa trajetória de vida e experiência no Rosado. O destino desta viagem é visibilizar as experiências dos mais experientes, repassadas de geração a geração, a partir das narrativas dos sujeitos, que vivenciaram e vivem experiências na comunidade. A experiência é o que acontece, mas o que nos acontece, o que nos passa (Bondiá, 2002). O narrador Neneu, de 60 anos de idade, é esse sujeito da experiência, que vivencia com o outro o que aprendeu ao logo da vida. Em sua fala, explicou que seu pai nunca foi pescador, sempre trabalhou na área da salina e agricultura. Contou que, desde os oito anos de idade, acompanhava seu pai. De sua memória, Neneu trouxe estas lembranças:

[...] Ele já me ensinou a trabalhar no roçado, pegando na enxada, pegando no facão, no machado, e a gente começou com 10 anos de idade fazendo essas atividades, e sempre foi assim. A partir dos meus 25 anos [...], pude dizer assim, eu não vou

mais trabalhar na agricultura, vou deixar a agricultura, eu vou é pescar. Aí comecei a pescar eu não tinha nenhuma, assim, experiência com pesca, mas, eu fui começar a pescar com um *caba* novo ainda na pesca, mas que já vinha velho na atividade do avô dele, do pai dele. Ainda hoje mora no Rosado, é um colega meu, Nego velho. Comecei a pesca mais ele, tinha muita experiência. Novo, *vista* boa, para conhecer os montes e ver tudo de perto [...] Ele me ensinou muita coisa, aprendi muita coisa com esse rapaz mais experiente do que eu na pesca, quer dizer, ele na pesca, e eu na pesca com experiência na agricultura. Tanto ele me ensinava na pesca, como eu dizia o que era o bom que tinha na agricultura, porque ele não tinha experiência na agricultura, né, mas, ele tinha muita experiência na pesca [...]. (Narrativas de Neneu, morador da Comunidade do Rosado -Porto do Mangue/RN, 2017)

As lições da experiência são colocadas nas narrativas de Neneu como algo apaixonante. Esse sujeito sente a experiência com paixão. Na Comunidade do Rosado/RN os seus moradores expressam a paixão pelo que fazem e pelo que sabem uma vez que viver em comunidade, é reconhecer o seu lugar de pertencimento e respeitar o outro. O morador expressa o prazer de aprender com seu pai. De acordo com suas narrativas, tais experiências foram ensinadas e repassadas de pai para filho e entre os próprios moradores, no dia a dia na comunidade, estabelecendo uma troca de saberes adquiridos pelos mais experientes ao logo da vida.

Sobre as experiências e os ensinamentos na agricultura, Neneu conta que seu pai, antes de ir para o trabalho na salina, deixava ordem em casa. Ele determinava tarefas para serem realizadas no roçado, como limpar o terreno, cuidar dos animais, e não deixar que entrassem no roçado, para não comerem as plantações. Neneu lembra que, no inverno, seu pai confeccionava enxadas pequenas para os filhos, ainda crianças. Desse modo, podiam trabalhar, na limpeza dos matos e na plantação de milho e batata. Essa era a forma como aprendiam na/com a agricultura.

O relato do morador permite compreender que as lições da experiência, como afirma Tardif (2012), resultam do próprio exercício da atividade profissional dos sujeitos. Esses saberes são produzidos por meio da vivência, seja individual ou coletiva, de situações específicas relacionadas ao espaço estabelecido com o outro. Através das experiências vivenciadas com o seu pai, Neneu conseguiu construir relações significativas para sua vida. Hoje, procura passar o que aprendeu para os mais novos da comunidade e fica feliz quando os jovens demonstram o interesse em aprender. O morador assim se pronunciou:

[...] A minha luta foi essa aqui. E hoje eu pesquei 20 e poucos anos. Nunca deixei de ser agricultor e nem de ser pescando, aí deixei a pescar em 2005. Hoje está com 12 anos que deixei de pescar. Deixei de pescar porque não sou mais um profissional da pesca. Fiquei só na agricultura mesmo. Hoje já estou aposentado. Graças a Deus, com 60 anos, me aposentei como agricultor, né, e estou ensinando agora os meus netos,

a trabalhar [...]. (Narrativas de Neneu, morador da Comunidade do Rosado - Porto do Mangue/RN, 2017)

A experiência narrada por Neneu permite perceber que na Comunidade do Rosado/RN existe uma relação entre os saberes da experiência, de saber-fazer e de saber-ser de forma individual e coletiva. Entre o tempo e o espaço, residem os sujeitos e os conhecimentos de aprendizagens dos saberes da experiência em coletividade. São nas marés da vida que os povos do campo e do mar do local educam. No compartilhar uns com os outros constroem uma vida de possibilidade no mundo em que vivem.

As lições da experiência são resultantes dos conhecimentos e ensinamentos aprendidos ao logo da vida familiar e social, no decorrer da trajetória de vida, no próprio lugar de convívio na comunidade, por meio das relações estabelecidas entre si e com o outro. Conforme Martins (2000), pelo seu estranhamento em relação a si próprio. Quando Neneu narra, como é trabalhar na agricultura e a forma como aprendeu os ofícios de seu pai e outros da comunidade, relembra as experiências que construiu na convivência com o outro e enxerga, que a forma de plantar e viver no/do campo sempre foi de um jeito simples. Ele explica:

Para trabalhar na agricultura tem que ter experiência para plantar o milho, para limpar a terra, porque se toca na espiga o milho não cresce, fica a atrofiado. Tem que limpar o milho, mas não pode bater na área no troco dele, se bater, o milho não enche. Tudo isso são experiências do agricultor. As pessoas acham que isso não existe, mas, existe. Hoje, as pessoas têm um trator, cultivador. Ele limpa do jeito que ele quer com o trator. Depois que eles colocam o trator dentro também não vão mais limpar. Antes disso, tudo era manual, na enxada e no braço mesmo. Aí é isso que a gente aprendia, fazer um roçado, tinha que ensinar como se utiliza uma vara. A vara é para entrançar ou é para amarrar, a vara para amarrar é diferente da vara para entrançar na estaca, vamos dizer assim, porque você não tem como amarrar uma vara torta, e você não tem como fazer uma cerca com a vara lenheira, tem que se torta. Tudo vem da experiência. Você pode até fazer uma cerca com a vara lenheira, mas poderá torar. Já a torta não, já vem no ponto. Fazer uma cerca para amarrar bem lenheira tem que tá no ponto, tudo isso são experiências que tem o agricultor. (Narrativas de Neneu morador da Comunidade do Rosado - Porto do Mangue/RN, 2017)

A experiência ocorre quando vivenciamos com o outro, quando nos alimentamos, com e pelo outro. Neneu, nesse sentido, é um exemplo do sujeito da experiência visto que está sempre pronto para ajudar o outro. O sujeito da experiência para Bondiá (2002) está inserido em espaços de lugares e dos acontecimentos. Se a experiência é o que acontece ao sujeito, e se o sujeito da experiência é um território de passagem, então, a experiência é uma paixão, por que o sujeito da experiência não é o sujeito da informação, não é o sujeito da opinião, não é um sujeito sem trabalho, sem ritmo, sem pensar no que faz no dia a dia; o sujeito da experiência é o sujeito que quer viver essa experiência

com o outro. Mesmo aposentado, Neneu permanece sempre em pé, erguido e se apodera de si mesmo. Assim se torna cada vez mais protagonista de sua própria história e permite construir com o outro o protagonismo também. Para Bosi (1994), quando os sujeitos relatam suas mais distantes lembranças, se referem, em geral, a fatos que foram evocados, muitas vezes, pelas suas testemunhas. A autora afirma que somos, de nossas recordações, apenas uma testemunha que, às vezes, precisa do outro para confirmar o seu próprio olhar.

Percebemos que nossas lembranças estão ligadas a lembranças de outras pessoas por meio da convivência e das conversas com os outros. Diante desse pensamento, questionamos: *Quais as lembranças da infância dos moradores da Comunidade do Rosado/RN? Quais experiências os moradores da Comunidade do Rosado/RN aprendem com outro?* Segundo Bosi (1994), a história dos sujeitos é dividida em períodos, os quais marcam todos os acontecimentos vividos no individual e no grupal, em diferente tempo na comunidade. Para a autora, cada geração tem, de seu lugar, a memória de acontecimentos, que permanecem como pontos de demarcação em sua vida. Esses acontecimentos são vividos em diferentes contextos, cada um relembra passagem pela memória individual e coletiva. Nesse momento, destacamos as lembranças e lições de aprendizagem de nossa narradora Dona Morena, de 54 anos de idade. Em suas narrativas, conta como aprendeu com os mais experientes, na época de criança. Além disso, afirma que esses ensinamentos ficaram como aprendizagem para toda vida. O que sabe até hoje, na comunidade, agradece aos seus avós e seus pais. A moradora ainda revela:

Aprendi a rezar a partir dos meus oito anos. A minha avó me ensinava a rezar todos de joelho, no pé do oratório, com as mãos postas. Rezar e agradecer pelo nosso pão de cada dia, pedir proteção para as nossas famílias. Esses saberes aprendi com minha avó. Eu achei tão bom que já repassei para os meus filhos, desde que eles aprenderam as palavras papai e mamãe. Eu primeiro comecei ensinando a rezar, comecei ensinando uma Ave Maria, nome do Pai, depois o Pai Nosso, assim sucessivamente. Aí, eu lembro quando eu era criança, sentava no chão com a minha mãe para remendar as roupas do meu pai, era necessidade mesmo naquela época, não era por beleza não [...]. Eu era tão pequena que ela alinhavava para eu costurar, para não fica torto e não sair do lugar do buraco. Eu achava tão bom, passava a tarde, era depois do almoço, fica aqui perto da porta. Costurava na mão mesmo, não tínhamos máquina de costura. (Narrativas de Dona Morena moradora da Comunidade do Rosado - Porto do Mangue/RN, 2017)

Nas narrativas de Dona Morena, percebemos o amor em ensinar e aprender. Seu desejo em aprender era prazeroso. As experiências da sua avó e de sua mãe alimentavam esse desejo de aprender como o outro. Segundo Freire (1996), a grandeza de um homem não está no quanto ele sabe, mas no quanto ele tem consciência de que não sabe e está disposto a aprender com humildade, tanto

no individual como no coletivo. Ao compreender a verdade contida no pensamento de Paulo Freire, fizeram Dona Morena voltar no tempo e perceber como sua infância foi construída por lições de aprendizagens. Todos esses ensinamentos, ao longo de sua vida, alimentam sua memória até hoje. A moradora nutre maior interesse de que sejam repassados para as novas gerações da comunidade, tais ensinamentos, quais sejam: rezar, costurar e, também, cozinhar.

Os espaços da memória estão guardados nas lembranças da infância e da juventude. Na verdade, estão presentes no nosso dia a dia, seja nas brincadeiras, fazeres do lar, conversas no terreiro. São lembranças aquecidas na memória de quem vive na comunidade. Falar da infância remete a reviver o passado, e lembrar como essa vivência foi relevante para o crescimento e amadurecimento. Dona Morena expressa, nas suas narrativas, como construiu uma infância feliz. Segundo a moradora:

Quando era de tarde, corríamos em cima daquela serra. Chamava falésias, mas, a gente chama mesmo é de serra ou grotas. Bota as cabritas no chiqueiro para gente tirar o leite, comíamos pirão de café, mexido no fogo, feito do caroço do café torrado. Pilava no pilão e depois fazia o escaldado de café para comer com peixe assado. A gente quanto era criança, na nossa comunidade, na maioria era assim mesmo, era uma casa aqui outra bem longe uma das outras, a gente vivia assim. E outra coisa também, que a gradeço a Deus até hoje é a educação que meus pais me deram. A gente ser pobre mais ser honesto, porque ser pobre é não ter honestidade, não ter palavra e ter o nome sujo, é melhor morrer, isso aí foi a educação que meus pais me deram, e foi do mesmo jeito que passei para os meus filhos. Espero que eles repassem para os filhos deles. O que eu aprendi de bom eu passo para eles, e também para as pessoas da comunidade [...] (Narrativas de Dona Morena, moradora da Comunidade do Rosado - Porto do Mangue/RN, 2017).

A infância na comunidade é lembrada através da memória. Dona Morena relembra momentos de diversão e de fazerem. Era um tempo difícil, os moradores sobreviviam da pesca e da agricultura, os alimentos eram extraídos da própria natureza. As comidas eram feitas de forma artesanal. Mesmo com dificuldades, os moradores até hoje, preservam o respeito e os ensinamentos dos mais velhos do lugar, a educação prevalece entre seus membros. Os bons modos são passados de pai para filho. Dessa forma, as lembranças extraídas da memória dos mais experientes assumem fundamental importância para a Comunidade do Rosado/RN. São lembranças cultivadas da vivência e das experiências geradas pelas gerações passadas a serem revividas pelas gerações futuras.

A memória do sujeito, conforme explica Bosi (1994), depende do seu relacionamento não só pessoal, mas familiar, grupal, social da memória. Daí a importância das primeiras lições no convívio familiar, expressa na fala de Dona Morena ao relembra a infância de tempos que não voltam mais, mas que ficaram marcados na memória. Em sua memória, ficaram marcados, em especial, os valores familiares.

Foram as lições de ensinamentos dadas pelos seus pais, sobre educação, honestidade e respeito, que, até hoje, traz consigo e repassa para seus filhos. O maior desejo de Dona Morena é que esses valores permaneçam vivos na comunidade e que sejam repassados para os mais jovens.

Os encantos do lugar, as lembranças da infância, as dificuldades, a força e a paixão por pertencer a essa comunidade superaram e resistem às adversidades do tempo vivido. No encontro com as narrativas dos dois moradores da Comunidade do Rosado/RN, os saberes da experiência de pescar, costurar, rezar e cantar dos mais experientes ensinam os jovens a arte de serem povos do campo e do mar. Colocam em suas mãos os saberes da experiência, a competência no que fazem. São esses saberes do dia a dia, do censo comum, para Martins, representa algo “comum não porque seja banal ou mero e exterior conhecimento. Mas porque é conhecimento compartilhado entre os sujeitos da relação” (2000, p. 59). Isso implica dizer que sem significado compartilhado não há interação.

Para Martins (2000) são esses sujeitos comuns, na vida cotidiana, que, na prática, criam as condições de transformação do impossível em possível. Quanto ao morador Neneu, tem ensinado como membro da associação, pescador e agricultor, seus saberes na coletividade apresentando o que aprendeu com o outro. Cada um usa aquilo que se identifica, no seu cotidiano, para repassar saberes e valores. Segundo Martins (2000), é importante entender a necessidade de o homem simples construir o seu lugar na comunidade, o que envolve ter tempo para si e para o outro, buscar a liberdade, ter criatividade, prazer de trabalhar, bem como compreender o seu papel ativo no lugar que habita, dentro da sua realidade.

Assim como Neneu e Dona Morena, os moradores da Comunidade do Rosado/RN aprendem com/no mar, na praia, no alto-mar; com/no campo, na convivência com a natureza, com seus companheiros de trabalho, com seus pais e filhos. As histórias de vida desses moradores da comunidade, que vive do mar e do campo, a partir de experiências cotidianas de homens comuns, do trabalho da pesca e do campo, bem como do desejo coletivo e individual, das rotinas locais, do lazer e da família, dos sentimentos estão fincados no pertencimento ao lugar.

As histórias de vida dos moradores do Rosado, escritas nestas páginas, são fruto das narrativas à luz da pesquisa (auto)biográfica. A palavra biográfica pode ser considerada, segundo Delory-Momberger (2008), como o lugar da constituição de um sujeito psicológico e histórico, face às restrições e às percepções coletivas. A partir do espaço sócio histórico da Comunidade do Rosado/RN, nasceram as narrativas de quem viveu e vive do campo e do mar para a construção da formação de si. Conforme explica Josso:

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência, etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social [...]. (2007, p. 414)

A Comunidade do Rosado/RN pode ser entendida como a conjunção do lugar, das ações e relações tecidas no cotidiano de cada um de seus moradores. É o lugar da memória, dos acontecimentos, da convivência humana, das relações sociais dos sujeitos que nela habitam. No caso da Comunidade do Rosado/RN, os sujeitos vivem no campo e no mar e eles mesmos (re)construíram a sua história. As narrativas dos dois moradores da Comunidade do Rosado/RN têm sua força no momento em que permitem aos sujeitos um (re)significar da prática na convivência diária, com si mesmo e com o outro. É no seu cotidiano que possibilita perceber como esses sujeitos constroem experimentam e vivenciam as relações sociais no seu lugar de pertença. Esse exercício fortalece e remete a uma perspectiva positiva e retificadora do pensamento crítico e reflexivo do ser em formação. Para Delory-Momberger, “[...] a capacidade de mudança postulada nos procedimentos de formação pelas histórias de vida repousa sobre o reconhecimento da vida como experiência formadora e da formação como estrutura da experiência” (2008, p. 99).

As narrativas das histórias de vida e as lições da experiência permitem aos moradores da Comunidade do Rosado/RN constituir um procedimento de formação na medida em que instaura uma relação dialética entre o passado e o futuro e abre aos sujeitos em formação um espaço de formalidade. Com base nos relatos apresentado é possível dizer que as narrativas dos moradores Neneu e de Dona Morena, revelam o viver, o sonhar e o praticar o seu lugar de pertença. Os sujeitos da comunidade relembram por meio da memória o início da formação da comunidade, das dificuldades de permanecerem no lugar, dos ensinamentos das tradições, dos saberes da experiência compartilhada com o outro em coletividade.

Algumas considerações para continuar a contar

Para este artigo, as narrativas (auto)biográficas dos moradores do local têm sua força no momento em que permitem a esses sujeitos um (re)significar da prática na convivência diária, consigo e com o outro, entre a história individual e a história social. A Comunidade do Rosado/RN se apresentou como a conjunção do lugar, das ações e relações tecidas no cotidiano de cada um de seus

moradores. É o lugar da memória, dos acontecimentos, da convivência humana, das relações sociais dos sujeitos que nela habitam. No caso da Comunidade do Rosado/RN, os sujeitos vivem no campo e no mar e eles mesmos (re)construíram a sua história.

Na Associação da Comunidade, esses fazem reuniões para refletir sobre os problemas e as condições sociais do seu cotidiano. As conquistas, ao longo do tempo, são frutos de organizações sociais por meio de associações, sindicatos e movimentos sociais, através de reivindicação por direito à cidadania. Para a Comunidade do Rosado/RN, a pesca é uma forte atividade econômica, faz parte de suas tradições, sendo passada de geração a geração. No local, as tradições herdadas de seus antepassados ainda estão muito presentes em suas formas de convívio. Isso demonstra que existe uma relação de respeito entre os povos do campo e do mar. As narrativas dos moradores estão permeadas por troca de saberes, a valorização do outro, o respeito e o desejo de manter a sua identidade.

Na comunidade se preserva o respeito dos jovens para com os mais velhos, os ensinamentos são passados de pai para filho. Os costumes, valores e tradições são mantidos no lugar. Os moradores entrevistados contaram suas histórias de vida e saberes da experiência na comunidade e expressaram um sentimento de pertencimento ao lugar. As lições da experiência são preservadas entre seus moradores, a saber: pescar, plantar, rezar e ensinar entre outros, são praticados e compartilhados pelos sujeitos da comunidade, dessa forma, estão contribuindo para a formação do cotidiano, e são construídos pelos seus moradores ao longo da convivência em coletividade.

As narrativas (auto)biográficas permitiram incorporar os acontecimentos e as lições de aprendizagem e formação ao longo da vida. A pesquisa (auto)biográfico se constituiu num elemento potencializador para as histórias de vida e formação tanto pessoal/social do sujeito narrador, pois destacamos as narrativas como um de seus instrumentos de interpretações de informações. Em um trabalho com essas características, as narrativas dos moradores da Comunidade do Rosado/RN, assumiram grande contribuição para a transformação e formação dos sujeitos do lugar.

Agradecimentos

Este artigo é um recorte fruto da pesquisa, intitulada: *Contar a vida, construir a formação: narrativas de empoderamento dos povos do mar da Comunidade do Rosado/RN*, defendida em 2018 no Programa de Pós-Graduação em Educação (Poseduc) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN/Brasil), e relaciona-se à Linha de Pesquisa Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão.

Referências

- Barros, L. (2009). O Desenvolvimento do Geoturismo no município de Porto do Mangue/RN com base no complexo "Dunas do Rosado": patrimônio geológico Potiguar. *Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas*, 2(1). 69-77. <https://bit.ly/3g23XBf>
- Bondiá, J. (2002). Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, (19), 20-28. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>
- Bosi, E. (1994). *Memória e Sociedade. Lembranças de velhos*. Companhia das Letras.
- Cascudo, L. da C. (2002). *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Global.
- De Sousa, J. (2012). *Sustentabilidade ambiental: análise da degradação e perturbação ambiental na mata ciliar do rio Mandú, Município de Pouso Alegre (MG)* [tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"]. Repositório Institucional UNESP. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/104451>
- Delory-Momberger, C. (2008). *Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto*. Paulus.
- Fernandes, S., Aguiar, A. e Fernandes, A. (2019). Narrativas de moradores do Rosado/RN: viver, contar, preservar seu lugar. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - Rev Pemo*, 1(3), 1-15. <https://doi.org/10.47149/pemo.v1i3.3524>
- Freire, P. (1986). *Medo e ousadia: cotidiano do professor*. Paz e Terra.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. Paz e Terra.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia*. Paz e Terra.
- Freire, P. (1997). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra.
- Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva*. Presses Universitaires de France. <https://bit.ly/3xmXiJu>
- Josso, M. C. (2007). A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. *Educação*, 30(3), 413-438. <https://bit.ly/3dQFPkN>
- Josso, M. (2010). *Experiência de vida e formação*. Paulus.
- Martins, J. (2000). *A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala*. Hucitec.
- Minayo, M. (2007). (org.). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. Vozes.
- Nonato Júnior, R. (2006). *Filosofias que sopram o mar: mapeando conceitos de povos de mar, com os habitantes de Tatajuba, Camocim-Ce* [dissertação do Mestrado, Universidade Federal do Ceará]. Repositório Institucional UFC. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3237>
- Souza, E. (2006). A Arte de Contar e Trocar Experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. *Revista Educação em Questão*, 25(11), 22-39. <https://bit.ly/3uGGc77>
- Tardif, M. (2012). *Saberes docentes e formação profissional*. Vozes.